

## IMOLAÇÃO

Erguer a democracia  
com mãos-de-tesoura  
em chamas, até não restar:  
véu sobre verdade  
turbante sobre hijab  
cinza sobre cabelo  
opressão sobre dignidade  
violência sobre direitos  
crenças sobre vida.

In *Giz*, Urutau, 2023, p. 52.

## DIGAM OS SEUS NOMES

Entre Alcindo Monteiro e Rayshard Brooks  
distam vinte e cinco anos, dois dias  
e muitas milhas. A lista de vidas perdidas  
está em permanente actualização.

In *Giz*, Urutau, 2023, p. 37.

## Cena 19

*A MÃE e a FILHA entram de mãos dadas. Todos se calam.*

MÃE

Bom dia. Então, calaram-se? Espero que não seja por  
minha causa, até porque eu não sou uma das vossas  
causas.

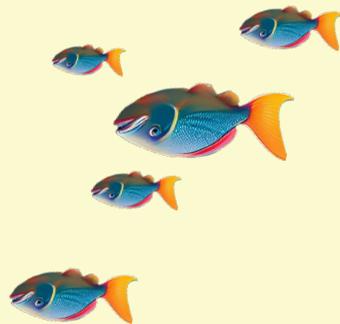
DONA DO CAFÉ

Vizinha! Não ligue! Pensei que nunca mais fosse vê-la!  
(*Dá-lhe um abraço*) O que vai ser hoje?

MÃE

O costume: um futuro de paz para a minha filha.

In *Vida: Uma Aplicação*, PANOS – palcos novos palavras novas,  
Teatro Nacional D. Maria II, 2025, p. 35.



**POESIA  
NO TEATRO**  
PROGRAMA ELABORADO POR  
**HENRIQUE FIALHO**

**GISELA CASIMIRO**

**21 de OUTUBRO de 2025**





**GISELA CASIMIRO** (Guiné-Bissau, 1984) estudou Línguas, Literaturas e Culturas na Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa. Fez parte da associação anti-racista e feminista INMUNE – Instituto da Mulher Negra em Portugal, criada por Joacine Katar Moreira, e é membro da UNA – União Negra das Artes. Publicou dois livros de poesia pela Urutau: “Erosão” (2018) e “Giz” (2023). Um poema seu afixado na rua foi alvo de um processo judicial por chamar a atenção para o racismo nas forças policiais. O caso foi arquivado. Em 2023, reuniu crónicas e textos de não-ficção no volume “Estendais” (Editorial Caminho). É autora do texto e dramaturgia de “Casa com Árvores Dentro” (Co-produção da Companhia de Actores, Centro de Artes de Ovar e RTP2, 2022), peça encenada por Cláudia Semedo, e foi uma das autoras participantes na décima sétima edição do projecto PANOS – palcos novos palavras novas, do Teatro Nacional D. Maria II, com a peça “Vida: Uma aplicação”. Participou em várias antologias nacionais e internacionais, estando alguns dos seus textos traduzidos para turco, mandarim, alemão, espanhol e inglês. Traduziu para português o livro “Irmã Marginal”, de Audre Lorde (1934-1992), escritora, filósofa, poeta e activista norte-americana.

## QUANDO FOR GRANDE

Quando for grande quero ser polícia para bater nos pais de ouros meninos em frente aos outros meninos.

O meu pai sempre me disse: cuidado a quem dás bastonadas. Nunca dês bastonadas a um preto Senão vão achar que és racista. Se deres bastonadas a um branco estarás apenas a ser polícia.

Ainda bem que não somos pretos. Imaginem se fôssemos pretos. Já não podia ser polícia.

In *Erosão*, Urutau, 2022, p. 20.

## O TEMPO

O tempo de vir o autocarro e descobrir o que temos em comum: eu, a mulher que arrasta uma gaiola vazia pelas ruas da cidade, e tudo o que ainda lá está.

In *Erosão*, Urutau, 2022, p. 45.

## PEQUENO-ALMOÇO

Todos os dias começam com a batalha contra o frasco de mel, cristalizado como a minha vida parece às vezes. Eu, a quem mãe e irmã chamaram de Mulher Hércules, porque abria todos os frascos difíceis, vejo-me agora obrigada a subterfúgios como libertar o ar com uma faca. Um golpe a fingir no metal. Um substituto da força que parece ter escorrido para fora quando ninguém estava a olhar. Isto nunca te aconteceria, este forçar da vida no sentido dos ponteiros do relógio. Primeiro, porque quando adivinhas as horas, as adiantas sempre. Depois, porque nunca fechas completamente frascos, gavetas, malas. Talvez porque também não fechas o coração. Prometo deixar alguns frascos mal fechados, espalhados por aí, à espera do teu doce regresso.

In *Estendais*, Editorial Caminho, 2023, p. 62.